

# SOBRE AS ALTERAÇÕES DO ESQUEMA CORPORAL E SUAS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS NO DESEMPENHO ESCOLAR

SÔNIA AMÁLIA CAMPOS LEÃO DE CARVALHO \*

A autora neste estudo tece considerações sobre a relação entre a organização do esquema corporal e o rendimento escolar.

Para tanto, vale-se inicialmente de proposições teóricas, no campo da Psicanálise, para açambarcar toda a gama de fenômenos — pulsões e afetos — que se inscrevem no corpo.

Em seguida, postula uma possível influência da estruturação alcançada pelos núcleos do esquema corporal, no que diz respeito ao seu acabamento no processo de aquisição do conhecimento, que ocorrerá da seguinte forma: quanto menor o grau de estruturação alcançado mais difícil poderá ser a aprendizagem do aluno.

A ênfase dada ao corpo, nos últimos anos, faz com que qualquer cientista, seja no campo clínico, seja no campo educativo, repense suas afirmações sobre a gênese de determinadas alterações da conduta bem como sobre a estruturação do processo destinado à aquisição do conhecimento.

Como se sabe, no campo psicopatológico esta preocupação é mais antiga, mas na educação, talvez esteja ainda iniciando-se. Não obstante, fica bastante claro, considerando os estudos até então realizados, que não se pode excluir o corpo como veículo, no processo de conhecimento, na medida em que tal instância se constitui como instrumento para estruturação do pensamento e dos demais processos cognitivos.

É enveredando neste campo que se faz mister tecer algumas considerações sobre a dinâmica conhecida como esquema corporal e suas influências e inter-relação no desempenho do indivíduo numa situação de aquisição do conhecimento. Naturalmente, aqui se deixa entrever a inclusão do sujeito afetivo além do sujeito cognitivo.

---

\*Professora Assistente do Departamento de Psicologia da UFC.

Na filosofia em que se fundamentam os direitos humanos é evidente que todos têm os mesmos direitos e possibilidades de aprender e desenvolver suas capacidades, para assim atingir independência econômica e social, integrando-se plenamente na vida comunitária.

O que se constata é que as oportunidades oferecidas pela sociedade não são as mesmas para todos os indivíduos de um ambiente sócio-cultural. Isto quer dizer, que em um conjunto de indivíduos sujeitos à transformação através dos componentes educacionais, existem aqueles que apresentam uma modalidade de apreensão dos conteúdos transmitidos caracterizada em termos de: velocidade, facilidade no processo de inter-relação e efetividade no processo de interação. Por outro lado, existem indivíduos onde não se observam essas características. Desse modo é de se esperar diferenças individuais relacionadas à dinâmica ensino-aprendizagem.

Para que a aprendizagem se efetue é necessário que o indivíduo esteja inserido simultaneamente em dois processos. Em princípio, deve estar em condições de se adaptar ao meio. Para isto é relevante que opere sobre o meio de modo a modificá-lo e também que incorpore as modificações produzidas nele para ulterior transformação, ou seja, adaptação. Esta é segundo Piaget (1978) a dinâmica da relação sujeito-objeto o que caracteriza o processo de interação. Evidentemente apenas este processo não é suficiente para uma aprendizagem em termos globais.

No processo educativo o objeto ao qual o sujeito tem que interagir está disponível somente a partir da relação do sujeito com outro sujeito (professor). Desse modo consigna-se o segundo plano do processo que é a inter-relação. Neste intervêm as marcas das primeiras relações do sujeito com seus pais, principalmente com a mãe, conforme assinalou Winnicott (1978).

A dinâmica das relações, o modo como elas se processam, irão refletir nas relações futuras do indivíduo das quais a escola é a mais significante. Para os pais a escola "é o segundo lar". Sabemos que isto não é verdadeiro. A escola tem um objetivo que difere da intenção dos pais. Por um lado, a escola imbuída do objetivo de "educar para a vida", visa mais uma educação cognitiva dando pouca relevância a qualquer expressão afetiva. A família por outro lado, prima pela realização afetiva do indivíduo e, movida pela ideologia do sistema acredita na realização acadêmica como etapa complementar.

Lapierre e Aucouturier (1980) fazem sérias restrições ao papel da escola, na medida em que sua preocupação tem sido mais em transmitir conhecimentos do que educar. Isto é o que se observa no trabalho repressivo que a escola exerce sobre o corpo da criança, incidindo diretamente sobre a impulsividade, que funciona como um mediador estruturante das funções cognitivas. Neste sentido presume-se que qualquer aquisição cognitiva depende de uma estabilidade na esfera da afetividade.

Desse modo, é provável que a escola, ao contrário do que se objetiva, não promove qualquer desenvolvimento dos núcleos precariamente estruturados do esquema corporal. Tais núcleos resultaram das condições de inter-relação na família. Esta ação restrita da escola deve-se ao fato de que o corpo considerado em

sua impulsividade, representa uma ameaça à autoridade conforme determina a tradição escolar. A escola, conseqüentemente, ao invés de promover um acabamento e diferenciação das estruturas conformadoras do self, age de modo a limitar a realização do indivíduo na medida em que seu esforço é destinado à educação, ou seja, à disciplina do corpo, reprimindo qualquer expressão afetiva que se acredita ser fundamental no processo de aprendizagem.

Segundo Winnicott (1978), Mannoni (1981) e outros, é da dinâmica da efetividade que surgem as possibilidades lúdicas, fundamentais ao processo criativo e também ao questionamento do sujeito sobre si mesmo.

Como a escola não dispõe até o momento de meios e métodos para lidar com o corpo impulsivo, ou seja afetivo, sua ação restringe-se a limitar estes impulsos. Neste sentido, o corpo passa a ser apenas um instrumento do pensamento reflexivo e racional considerado enquanto organismo, sem possibilitar a expressão de fantasias e pulsões do aluno.

Esta ação restritiva ocorre também em casa, pois tanto a escola como a família mantêm uma filosofia tradicional repressora sobre o corpo, tendo suas raízes provavelmente na Idade Média.

Para Lapierre e Aucouturier (1980) o domínio repressivo do corpo permanece até a idade adulta uma vez que a rejeição do corpo pulsional é uma característica da sociedade ocidental, onde se enfatiza o domínio do corpo e da linguagem como condição de adaptação, saúde mental e de segregação racial.

É importante ressaltar que a relação professor/aluno nos moldes da pedagogia tradicional se processa num plano ideal. Todo empenho do professor é dirigido ao aluno para que este corresponda ao seu ideal de aluno bom, dócil e inteligente. Caso contrário o aluno é tido como inadaptado e esta inadaptação não é da escola mas tão somente do ideal do professor, autoridade máxima da transmissão do saber e que representa a instituição.

Face ao exposto acredita-se que o aluno ideal é aquele que alcançou um nível ótimo de desenvolvimento tanto na esfera cognitiva quanto em termos de afetividade. Sendo assim é possível que uma criança que apresenta um esquema corporal não prontamente acabado dificilmente se integrará à escola. Em virtude disso, é possível tomar as alterações peculiares do esquema corporal como indicadores, entre outros, da inadaptação escolar considerada em termos do desempenho.

A aquisição deste esquema é condição fundamental a qualquer realização, pois conforme assinalou Sinay (1982) é o corpo o elemento que estrutura o pensamento. É também no corpo que se estabelece, entre outras noções, as noções de espaço e objeto conforme assinalou Piaget (Flavell, 1975). Estas noções, mais a noção de tempo co-participam na formação do esquema corporal, unidade fundamental ao relacionamento com os objetos e com as situações.

Schilder (1980) define o esquema como uma imagem tridimensional que cada indivíduo tem de si, a partir de sensações da superfície corporal, do interior do corpo, da motilidade, da percepção óptica e da relação do sujeito com o mundo. Trata-se portanto, como se sabe de uma gestalt e como tal, sujeita a estruturação e desestruturação.

É através do poder de motilidade e do contato com as imagens e fantasias que o sujeito pode esboçar uma orientação no mundo externo. Para isso é necessário uma espontaneidade nas experiências estando a dinâmica pulsional co-presente à dinâmica cognitiva. Somente deste modo o mundo se faz sensível e visível e os movimentos corporais adquirem uma intencionalidade e sentido próprios.

Acredita-se que o limite do eu com o mundo se dá através do corpo e todo relacionamento do indivíduo com o mundo externo repousa sobre o esquema corporal. Portanto quanto mais difícil for a vinculação do corpo com o objeto, mais difícil será a adaptação. Deste modo, na medida em que a escola não possibilita esta aproximação estaria de certo modo contrariando seus objetivos, condicionada a manter as condições de inadaptação, inseridas no esquema corporal que provêm das primeiras relações do objeto.

Geralmente o que ocorre é que não se dá a devida atenção a importância que essas alterações têm no processo educativo. Seria interessante então que a escola considerasse esta inadaptação em termos das perturbações do esquema corporal ao invés de se deter meramente na análise quantitativa da capacidade cognitiva.

Uma tentativa para encontrar uma solução a esta situação problemática está sendo efetuada pela autora num projeto de pesquisa. Trata-se de um estudo piloto, uma vez que no Brasil não existem pesquisas neste campo.

A preocupação central diz respeito à possibilidade de verificação sobre a maneira como a dinâmica organizacional do esquema corporal reflete-se no desempenho escolar. Pretende-se também verificar como a escola a nível institucional, esboça suas explicações sobre o fenômeno do fracasso escolar e em que momento a escola inclui em seus planejamentos quaisquer referências voltadas à estrutura afetiva do indivíduo.

Por fim, pode-se admitir que sob certo prisma a escola age até certo ponto promovendo uma divisão no indivíduo, ou seja, o considera em termos de sua "cabeça" (capacidade mental) e ignora o seu corpo enquanto instância fantasmática e pulsional.

## Referências Bibliográficas

- FLAVELL, J. H. — *A Psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. S. Paulo, Pioneira, 1975.
- LAPIERRE, A. e AUCOUTIRIER, B. — *El cuerpo y el inconsciente en Educación y Terapia*. Barcelona, Editorial Científico-médico, 1980.
- MANNONI, M. — *A criança atrasada e a sua mãe*. S. Paulo, Moraes Editora, 1981.
- PIAGET, J. — *Seis estudos de Psicologia*. R. Janeiro, Forense, 1978.
- SCHILDER, P. — *A imagem do corpo-as energias construtivas da Psique*. S. Paulo, Martins Fontes, 1980.
- SINAY, C. G. — El cuerpo como estructurante del pensamiento. El pensamiento como coherentizador de la experiencia corporal. *Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 1982, (7): 77-84.
- (7): 77-84.
- WINNICOTT, D.W. — *Da Psiquiatria a Psicanálise*. R. Janeiro, Francisco Alves, 1978.